

Dos terreiros de candomblé à natureza afro-religiosa¹

Emerson Melo

Mestrando em Geografia – PUC-SP

kemi_bayo@hotmail.com

Resumo: Propõem-se aqui, discutir alguns dos valores atribuídos ao conceito de natureza e Orixá, assim como, sua materialidade e representação nos terreiros de candomblé. Parte-se do pressuposto de que o conceito de natureza para os membros que compõem as comunidades de santo está diretamente ligado à prática de culto aos Orixás e suas referências mitológicas. Neste sentido, o texto apresentará uma breve contextualização do conceito de natureza nas sociedades tradicionais africanas particularmente dos Iorubás e nos terreiros de candomblé, a fim de compreender seus referenciais míticos e simbólicos.

Palavras-chave: natureza; cultura; tradição; sociedade.

Abstract: It proposes here to discuss some of the values assigned to the concept of nature and Orisha, as well as their materiality and representation on terraces of candomble. It has been assumed that the concept of nature for members of communities that make up the saint is directly linked to the practice of worship to Orisha and mythological references. In this sense, the text will present a brief background of the concept of nature in traditional African societies particularly the Yorubá and the terraces of candomble in order to understand its symbolic and mythical references.

Keywords: nature; culture; tradition; society.

¹ Este artigo é uma síntese da Monografia: *Da Natureza Afro-religiosa: a (Re)significação Espacial dos Terreiros de Candomblé em São Paulo*, apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em 2007.

Introdução

A tarefa de se distinguir o que é natureza do que não é, ou apenas defini-la, não é simples. Definir o conceito de natureza implica analisar as diversas concepções formadas pelas diversas culturas, e isso se altera de acordo com as formas e objetivos de cada sociedade. Ao discutir a construção desse conceito encontram-se diversas respostas que variam de acordo com cada sociedade e com as representações simbólicas e míticas que são transmitidas de geração em geração e que garantem a sua própria maneira de interpretar e agir sobre o meio natural.

Durante o período da escravidão, os negros que aqui chegaram vindos das regiões correspondentes à Nigéria, Togo e República do Benin (antigo Daomé), conhecidos como Iorubás ou Nagôs no Brasil, acreditavam que forças sobrenaturais estavam presentes na natureza e que estas se materializariam através de experiências religiosas, ou até mesmo por meio de possessões. Os Orixás são as expressões máximas dessa relação, que hora se materializa sob forma *in natura*, ou sob a forma humana através do transe dos iniciados.

O culto prestado aos Orixás dirige-se a princípio, às forças da natureza. É verdade que ele representa uma força da Natureza, mas isso não se dá sob sua forma desmedida e descontrolada. Ele é apenas parte dessa natureza, sensata, disciplinada, fixa, controlável que estabelece uma relação entre o homem e o desconhecido. (Verger, 2000: p. 37)

As cerimônias afro-religiosas ligadas ao culto aos Orixás são realizadas em espaços específicos que reproduzem e (re) significam em seu escopo, os elementos de uma África mítica, que sobreviveu no imaginário dos africanos e seus descendentes no Brasil.

Os terreiros de candomblé apesar de serem de origem brasileira, apresentam uma estrutura organizacional totalmente moldada nas tradições e nos costumes dos povos Iorubás, já que foram estes os responsáveis pelo estabelecimento do culto aos Orixás no Brasil. Da mesma forma que a natureza está vinculada aos deuses e aos homens para esta sociedade, os terreiros mantêm sua tradição viva criando um microcosmo desta para legitimar a sua organização social. (Melo, 2007: p. 3)

Pode-se observar que tanto os Iorubás, como os membros que compõem as comunidades de santo, acreditam que o universo dos deuses e dos homens não são ou estão distantes um do outro. Pois, os mitos e os ritos possibilitam que as forças “sobrenaturais” existentes na natureza manifestem-se tanto nos iniciados, como em lugares específicos que estão diretamente atrelados a valores e a representações simbólicas que relembram os feitos dos Orixás.

A Natureza e os Iorubás em África

Há muito tempo, diversos autores dialogam com a natureza a fim de compreender as relações do homem com o ambiente.

Neste sentido foram várias as relações encontradas. Mas uma tornou-se objeto de constante indagação por sua função e ocupação em um universo simbólico, que muitos antropólogos classificaram como pensamento primitivo. Este pensamento está atrelado às relações estabelecidas entre homem e natureza, se é que se pode apresentar dessa maneira, pois, para estes povos e sociedades a alteridade entre homem e natureza não existe. O homem e a natureza, assim como o complexo vital que o cerca, pertencem a um único universo que ultrapassa os limites do mundo real, buscando no pré-existente elementos que legitimam sua organização e dão sentido ao seu pertencimento e papel nas sociedades.

Para estas populações, a natureza ocupa um espaço de totalidade. Não existe uma fragmentação no modo de vida do grupo, ou até mesmo algo que o aproxime ou distancie do que é real, ou do que, é invisível (sagrado ou transcendental). Pode-se afirmar que os homens, seus ancestrais, os fenômenos naturais, os animais, as rochas e os minerais, ou até mesmo, vários deuses podem fazer parte ou compor a mesma organização social de um determinado grupo. *Aquilo que definimos como objetos, forças ou fenômenos da natureza, é venerado como sagrado nos mitos e nas culturas mais remotas* (Cassini, 1987, p. 17).

Mesmo sendo raros esses pensamentos na atualidade, ainda existem sociedades que se estruturam dessa forma. As sociedades Iorubás que mantiveram seus costumes moldados nas tradições costumeiras não se vêem como uma parte da natureza, mas sim como a natureza em si. Acreditam que a materialidade do homem é o resultado da somatória de todos os elementos que compõem a natureza. Os povos que habitam esse universo crêem que as diferenças existentes entre eles não são suficientes para colocá-los em mundos distintos, diferentemente da sociedade branca ocidental que estabelece limites entre o real e o imaginário, de um lado, o mundo natural, de outro, o social², cada um com sua particularidade. As carências, os desejos, as decepções, as paixões, as iras, a gratidão, entre outros sentimentos e atitudes humanas serão reconhecidas como manifestações simbólicas desta natureza.

Os ancestrais Iorubás, que compuseram a aurora dessa civilização acreditavam que forças sobrenaturais estavam presentes na natureza. Fenômenos como tempestades, raios e trovões eram interpretados como a fúria dos deuses, e para aplacá-la, eram-lhes oferecidos tributos que representavam uma relação de submissão e proteção que ligava os homens aos espíritos da natureza. Com o passar dos tempos estes espíritos passaram a ser cultuados como Orixás, responsáveis pelo controle e governo do mundo natural como; o trovão, o raio e a fertilidade da terra, enquanto outros foram cultuados como guardiões de montanhas, cursos de água, árvores e florestas.

² Cabe ressaltar, que para algumas sociedades africanas o indivíduo nasce um ser natural e após ter sido submetido a um determinado rito de passagem, este é reconhecido como um ser social dotado de características e funções específicas. Esta classificação não está atrelada a alteridade homem e natureza, mas ligada às funções sociais que este executará na comunidade.

Cada elemento natural está ligado a um Orixá, que possui características próprias. Uma energia mítica, que por sua vez tem um local específico para ser cultuado e adorado.

Os Iorubás e outros povos aparentados veneravam, por sua vez, várias divindades: os Orixás, divindades da natureza (...) que, depois de sua deificação foram assimilados a ancestrais fundadores de dinastias. Elas intercediam entre os homens e o deus criador, Olodum³. (Del Priore & Venâncio, 2004, p. 26)

De alguma maneira, o culto à natureza, ou seja, aos Orixás, foi assimilado ao culto aos antepassados. Ancestrais que regulamentam e zelam pela organização dos grupos. “*O princípio histórico estabelecido pelos ancestrais é elemento objetivador das regras mais decisivas que regem a estrutura e a dinâmica dessas sociedades*” (Leite, 1995/1996, p. 110). Para estes povos os mortos interagem diretamente na vida cotidiana das pessoas, devendo então ser propiciados, aplacados por meio das práticas rituais para garantir o bem-estar da comunidade.

Encontra-se na obra de José Beniste (2006), um mito que apresenta a deificação de Xangô em Orixá do fogo e, conseqüentemente, no deus do trovão dos Iorubás. Conta-se que: Xangô foi derrotado por um de seus fiéis guardas, que o banuiu do trono e da cidade de Oyó. Ao longo da viagem, este vê sua comitiva desaparecer e que a única pessoa que restará ao seu lado era Oya (Iansã). Desmotivado, pede para esta esperar enquanto segue floresta adentro. Notando a demora Oya entra na mata e vê seu companheiro enforcado em uma árvore.

Oya desesperada voltou para Oyó, gritando que Xangô havia se suicidado. Encontrou os auxiliares de xangô que voltaram junto dela até o local. Mas lá chegando não encontraram nada, o corpo havia desaparecido (...) Porém ouviram a voz de xangô vindo de dentro da terra, ‘dizendo que se havia transformado em Orixá e que deveriam voltar para Oyó, pois todos teriam uma lição de seu poder. (Beniste 2006, p. 91)

Posteriormente:

Uma tempestade se teria abatido sobre a cidade de Oyó, manifestando a cólera e vingança de Xangô, vingança simbolizada no trovão e no raio. Desde então, ele se tornou o Orixá dos raios, trovões e tempestades. (Del Priore; Venâncio, 2004, p. 26)

No mito, Xangô é apresentado como humano, um rei e guerreiro conquistador que num momento de fraqueza é traído por seu próprio ciúme, mas que de certa maneira é reconhecido por seus atos, e com isso é deificado em Orixá, passando a ocupar um lugar de prestígio no universo mítico-religioso dos Iorubás. Mas este não é o único a possuir esta característica de ancestral de uma família específica e de uma sociedade em particular. Ogum, Oxoguiã e Iemanjá, Orixás com cultos particulares, foram assimilados a ancestrais ganhando a

³ Esta palavra representa a contração do nome de Olodumarê Deus supremo dos Iorubás, responsável pela criação de todas as formas de vida tanto no *Orún* (morada dos orixás) como no *Ayé* (a terra dos homens). Este muitas vezes é referenciado pelo título de Olorun, ou seja, o senhor do orún (nota do autor).

conotação de antepassados fundadores de dinastias. Ogum sendo lembrado como o rei de Irê, Oxoguiã como o rei de Ijibô, e Iemanjá como a figura matriarcal (a grande mãe), ligada diretamente à mulher ancestral.

Outro mito descrito pelo mesmo autor esboça a distribuição dos poderes mítico-religiosos ou naturais aos Orixás. Neste mito os Orixás estavam se queixando da falta de poderes e de atribuições específicas para ajudar os homens. Vistos diante desta situação os Orixás decidiram ir se queixar com Orunmilá⁴, que decidiu distribuir para estes, os poderes que disponibilizava. E proferiu que em um dia específico os poderes iriam começar a cair do Orún e ficaria a critério de cada um pegar os poderes.

No dia marcado. Do alto começaram a surgir sons estranhos acompanhados pelo movimentado da brisa que pairava sobre todos. Foi nesse instante que os poderes começaram a cair do Orún. (...) Exu foi um dos mais persistentes e não hesitou em empurrar quem estivesse perto; por causa disso, pegou grande parte dos poderes; entre eles, o de ser o guardião do Axé de Olodumarê e o transportador das oferendas votivas. (...)

Xangô, através do que conseguiu apanhar, tornou-se o dono da pedra. Obaluaê veio a ser o senhor das doenças em especial a varíola; Ossain adquiriu o conhecimento do uso litúrgico e medicinal das plantas; Orixá Oko tornou-se o senhor da fartura das colheitas; Ogum ficou com o poder do uso dos metais. Assim cada Orixá recebeu a sua parte dos poderes do Orún. (Beniste, 2006, p. 65)

As análises de ambos os mitos expressam a compreensão da natureza para estes povos, que podem se manifestar tanto nos fenômenos naturais, como em Orixás ou ancestrais. Mas, que de certa maneira, estão presentes no dia-a-dia, seja por meio da materialidade de tudo que é necessário para sobrevivência, como também no universo mítico-religioso que transcende a organização da comunidade.

A Natureza Afro-religiosa

Essa compreensão e mentalidade foram transportadas para o Brasil e materializada especificamente nos terreiros de candomblé, que (re)vivenciam essas experiências e fenômenos a partir da releitura de mitos e ritos que garantem o bem estar da comunidade. Os mitos são contados e recontados, passados de pai para filho a fim de conservar os costumes da comunidade.

Neste sentido a oralidade exerce papel fundamental na transmissão dos valores e costumes das comunidades de santo, pois: *“ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação a arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar uma Unidade primordial”* (Hampaté Bâ, 1982, p. 181-183).

Não só a oralidade, mas as utilizações da palavra ficaram explícitas nos terreiros. Visto que tanto na África como nas comunidades de santo esta é utilizada como elemento de desencadeamento de forças que emanam do preexistente e que são capazes de ativar energias presentes no ambiente.

⁴ Sacerdote responsável pela consulta com o plano divino através de diversos sistemas divinatórios denominados de Ifá (Beniste, 2006).

A palavra emerge como fator ligado à noção de força vital e, em seu aspecto mais primordial, tem como principal detentor o próprio preexistente (...) daí que sua utilização deve ser cuidadosamente orientada, pois que uma vez emitidas algumas de suas porções desprendem-se do homem e reintegram-se na natureza. (Leite, 1995/1996, p. 105)

Pode-se afirmar que as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras (candomblés), possuem como elemento estruturador de seus atos rituais, mitos que são conservados e transmitidos através dos tempos por meio da oralidade e que são revividos e reativados por meio das palavras de invocação.

Os mitos atuam como elementos estruturais das comunidades, pois, justificam qualquer teoria ou qualquer prática ritual e revive a mentalidade primordial. Para estes grupos ou sociedades o mito desempenha uma função indispensável, pois, exprime, enaltece e codifica a crença, revela e impõem princípios morais, garante a eficácia dos rituais e oferece regras e práticas para a orientação humana.

No tempo primitivo das origens, o homem via a natureza como um drama único vivido num cenário onde atuavam animais, plantas, vento, água, fogo e todos os demais elementos que formaram a riqueza do Universo. (Beniste, 2006, p. 15)

E, é nesse sentido, que se deve compreender a natureza nos terreiros, como uma natureza mítico-religiosa, transcendental, que está presente na composição de todos os homens, pois, ela pode aparecer tanto sob a forma de fenômenos como na forma de um Orixá, enfim “*a religião dos Orixás é a voz da natureza*” (Martins; Marinho, 2002, p. 26).

Sobre as tradições africanas, não se fala apenas em interações, mas na composição de uma matéria homem que está dotada de tudo ou de todos os elementos da natureza, sendo ele a materialização ou expressão máxima de todos estes. “*Todos os reinos da vida (mineral, vegetal e animal) concentram-se nele, conjugados as forças múltiplas e a faculdades superiores*” (Hampaté Bâ, 1982, p. 195). O que possibilita afirmar, que o pensamento africano e afro-brasileiro referente ao homem está ligado a mesma unidade de existência à natureza, somatória de tudo aquilo que é necessário a sobrevivência.

Nos cânticos e rezas de invocação aos Orixás entoados nos terreiros de candomblé, nota-se a relação deste com a natureza e a suplica do homem por esta. *As cantigas dos Orixás retratam os seus feitos (...) suas passagens na Terra (...) Nada está solto, tudo tem um significado*⁵. Cada Orixá possui cantigas específicas para ser cultuado, e em cada uma delas são invocados seus poderes e suas características.

Oxumarê

Òsùmàrè e sé wa dé òjò⁶

Àwa gbè ló sngbà opé wa

Oxumarê é quem nos traz a chuva

Nós a recebemos e retribuimos agradecidos

⁵ Babalorixá Kaobakessy de Airá (Edison Mandarino), em entrevista realizada em Junho de 2007, no Ile Alaketu Ijobá Asé Airá São Paulo.

⁶ Os cânticos e rezas estão escritos conforme o dialeto iorubá, da mesma maneira que são pronunciadas nos terreiros de candomblés (tradução nossa).

E kun òjò wa
Dájú e òjò odò
Dájú e òjò odò s'áva

É o bastante a chuva para nós
 Certamente vossa chuva é o rio
 Certamente vossa chuva é o rio, para nós

Iemanjá

Yemonja gbé rere ku e sìn gbà
Gbà ní a gbè wí
To bo sínú odò yin
Òrìsà ògìnyón
gbà ní odò yin

Iemanjá traz boa sorte repentinamente retribuindo
 Receba-nos e proteja-nos em vosso rio
 Cultuamos-vos suficientemente em vosso rio
 Orixá comedor de inhames receba-nos
 em vosso rio.

Xangô

Oba iró l'òkó
Oba iró l'òkó
Yá ma sé kun ayinra òje
Aganju òpó monja le kòn
Okàn olo l'Oyá
Tobi fori òrìsà
Oba sorun
Alá alàgba òje

Rei do Trovão
 Rei do Trovão
 Manda o fogo sem errar o alvo, nosso vaidoso Òje
 Aganju alcançou o Palácio Real
 Único que possuiu Oyá (Iansã)
 Grande Líder dos Orixás
 Rei que conversa no céu
 e que possui a honra dos Òje

Conforme apontado anteriormente os cânticos e rezas evidenciam a simbiose natureza e Orixá, assim como rememora seus feitos, que são expressos sob as diversas formas de danças e gestos rituais seguidos pelo som dos atabaques. Cabe ressaltar que, quando os Orixás estão manifestados nos iniciados, de certa maneira, estão estabelecendo os limites de seus poderes, trazendo para a comunidade todo o seu axé e seu poder de integração.

Essa é uma forma de resgatar elementos simbólicos e transcendentais que exprimem a necessidade de um viver num mundo organizado.

O Espaço Terreiro e a Natureza

A organização espacial dos terreiros de candomblé obedece a uma distribuição que está diretamente ligada às características próprias de cada Orixá. Isto faz com que dentro dessa divisão, tenham-se outros espaços com características individuais que se relacionam com os membros da comunidade. Em território ioruba na África, existem vilarejos e florestas diversas, com Orixás particulares e com uma população específica para cultuá-lo. Nos terreiros de candomblé não poderia ser diferente, o que eram vilarejos e florestas sagradas foram reduzidas a pequenos espaços de culto que representam simbolicamente a cultura destes povos.

Os terreiros de candomblés estão divididos basicamente em dois espaços: mato e urbano⁷. O primeiro consiste em um espaço verde com árvores e nascentes de água, “*equivalendo a floresta africana (...) É cortado por árvores, arbustos e toda a sorte de ervas e constitui um reservatório natural onde são recolhidos os ingredientes vegetais indispensáveis a toda a prática litúrgica*” (Elbein, 1976: p. 33). Essa área corresponde à natureza mítica religiosa que reporta o mundo dos Orixás, onde estão os seus assentamentos, locais sagrados de uso ritual. O segundo se caracteriza na área edificada, correspondente a todo o tipo de construção do terreiro.

A área verde do terreiro se faz necessária para o cultivo de ervas e plantas de uso ritual. Este espaço representaria a natureza *in natura*, intocada sem possíveis sinais de alteração, o que é impossível, considerando que a biodiversidade da flora brasileira é diferente da africana. O que contribui para um questionamento sobre a “pureza” dessa “mata virgem”. Todavia, a necessidade de um espaço verde para o cultivo de vegetais é essencial para a sobrevivência das comunidades de santo. Os africanos e afro-brasileiros responsáveis pela consolidação dos candomblés, ao manter suas tradições religiosas tiveram que lidar com esta biodiversidade, pois:

(...) colocou o escravo diante de um universo misterioso que era necessário dominar para que ele pudesse sobreviver física e culturalmente. A adaptação ao novo habitat e às novas condições sociais deu lugar a substituições indispensáveis das plantas que não foram aqui encontradas. (Barros, 1993, p. 33)

Com isso percebe-se que, as tradições e as utilizações de espaços verdes na constituição dos terreiros, desde sua gênese lida com um processo de adaptação para garantir o cumprimento de seu culto, ou seja, os terreiros de candomblé só conseguiram sobreviver mediante a tais circunstâncias graças a sua capacidade (re)interpretar e (re)significar elementos simbólicos característicos do culto ou do ritual, mas que de certa maneira continuaram íntegros aos seu princípios originários.

A natureza, ou melhor, este pequeno espaço de uso ritual reservado ao que seria a floresta, está diretamente ligada ao universo mítico religioso dos membros das comunidades de santo, pois acreditam que tudo que existe na natureza está diretamente ligado às obras de Olodumare e indiretamente aos Orixás já que representam o deus supremo na terra e possuem como características o domínio destes elementos.

Considerações finais

Verifica-se que a organização dos terreiros de candomblé no Brasil, necessitaram desde sua constituição de um processo de (re)significação espacial, o qual a alavanca para esse estabelecimento foi a organização de um microcosmo iorubá, que se constituiu a partir da organização das tradições africanas em um novo lugar. Tal fato evidencia-se quando da organização e do arranjo espacial dos terreiros que para garantir a sobrevivência

⁷ O conceito de urbano aqui apresentado refere-se às áreas construídas dos terreiros. Termo inicialmente utilizado por (Elbein, 1976) e (Barros, 1993). Cabe ressaltar que o conceito de urbano está diretamente relacionado ao desenvolvimento técnico industrial e econômico das cidades e ao processo de mecanização do campo (Nota do autor).

de seu culto e de suas tradições, mantém certa preocupação com a organização dos espaços sagrados e com sua caracterização simbólica mítico-religiosa.

No que se refere à natureza afro-religiosa, pode-se afirmar que esta é para o candomblé ao mesmo tempo em que este é para ela, pois, a natureza é o princípio de existência de culto, os Orixás são as representações ou até mesmo a materialização dessas, seja na forma de possessão (transe mítico) de algum iniciado, ou nas formas de representações simbólicas de bens materiais. “*A natureza está virtual e fundamentalmente presente, ora em material ritualizado, ora em concepções encadeadas e abrangentes sobre ecossistemas*” (Lody, 2006, p. 265). Nesse sentido, deve-se ressaltar que, o culto prestado aos Orixás nos terreiros de candomblé, em um determinado momento, ultrapassa os limites de um culto à ancestralidade de um grupo, remetendo-se ao culto à natureza, pois, os membros que compõem as comunidades de santo, ou melhor, os terreiros, acreditam que os homens sejam o resultado da somatória de todas as partes ou elementos que compõem a natureza. Tanto nos aspectos minerais, vegetais e animais, como nos aspectos “visíveis” ou “invisíveis” transcendentais, que de certa forma, permitem a existência não só do culto como do homem e sua tradição.

Referências

DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ À NATUREZA AFRORELIGIOSA

BARROS, Jose Flavio P. *O Segredo das Folhas: Sistema de Classificação de Vegetais no Candomblé Jêje-Nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas e UERJ, 1993.

BENISTE, José. *Mitos Yorubas: O Outro Lado do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a.

CARVALHO, Marcos de. *O que é Natureza*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CASINI, Paolo. *As filosofias da natureza*. 2 ed, Lisboa: Editorial Presença, 1987.

EBEIN, Joana dos S. *Os nagôs e a morte*. 2 ed, Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

HAMPATÉ BÂ, A. A Tradição Viva. In KI-ZERBO (Org.). *Metodologia e pré-história da África, História Geral da África*. São Paulo: Ática/ UNESCO, vol. I, 1982.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. *Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas. África: Revista do Centro de Estudos Africanos – USP*. São Paulo, 18-19.

LODY, Raul. *O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, Voduns, Inquices e Caboclos*. 2 ed, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

MARTINS, Cléo & MARINHO, Roberval. *Iroco: o Orixá da árvore e a Árvore Orixá*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MELO, Emerson. *Da natureza afro-religiosa: a (re)significação espacial dos terreiros de candomblé em São Paulo*. São Paulo: Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da PUC-SP, 2007.

PRIORI, Mary Del. & VENANCIO, Renato P. *Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VERGER, Pierre. *Orixás Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. 6 ed, Salvador: Corrupio, 1981.

_____. *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga costa dos Escravos, na África*. 2 ed, São Paulo: USP, 2003.